

LER E ESCREVER: UMA ANÁLISE DOS PENSAMENTOS DA ESCRITA E DA LEITURA COM ALUNOS DO 3º ANO NO RETORNO DA COVID-19 (2020-2021)

Fabiane Aparecida Parcianello de Almeida¹

Luciane Priori Monteiro²

Luciana Backes³

Resumo: O artigo apresenta a análise do estudo sobre o desenvolvimento do pensamento em relação à escrita e leitura de crianças de duas turmas do ensino fundamental da rede pública de Canoas. O objetivo do artigo é compreender o desenvolvimento do pensamento em estudantes do 3º ano do ensino fundamental sobre a escrita e a leitura, a partir de um instrumento diagnóstico, no contexto de retorno da Covid-19 (2020-2021). A pesquisa é de cunho qualitativo e quantitativo, que utiliza como metodologia o estudo de caso, em que analisamos os gráficos gerados a partir dos resultados do pré-teste aplicado nas turmas das professoras que participaram do curso de extensão “Quem conta um conto, aumenta um ponto? Recontextualizar as ciências por meio de histórias”. Observamos, que apesar dos desafios do ensino remoto, a experiência de ensino analisada neste artigo, propiciou aprendizagem para o desenvolvimento de leitura e escrita em um percentual significativo de estudantes.

Palavras-chave: Leitura e Escrita. Aprendizagem. Alfabetização. Recontextualizar as Ciências.

1 Pós-graduada em Psicopedagogia clínica e institucional pela Uniasselvi. Professora da rede municipal de Canoas/RS. E-mail: pacianellofabiane@gmail.com.

2 Pós-graduada em Psicopedagogia institucional pela UFRGS. Professora da rede municipal de Canoas/RS. E-mail: lucianepriori@gmail.com.

3 Pós-doutora em Science Social pela Université Paris Descartes - Paris V - Sorbonne. Professora no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade de La Salle, Canoas, Brasil. E-mail: luciana.backes@unilasalle.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 (2020-2021) impôs à sociedade a adoção de algumas medidas de prevenção como o distanciamento social, o uso de máscaras e novas normas de higiene. Nas escolas, também houve alterações, como o ensino remoto, a partir de 19 de março de 2020, que as deixaram fechadas por vários meses. Os alunos assistiam aulas e recebiam tarefas de forma on-line. Após 1 ano e 3 meses, as escolas de Canoas retornaram ao ensino presencial, porém com muitas restrições de convívio.

O período de ensino remoto foi muito complexo para toda a comunidade escolar, pois a aprendizagem dos estudantes foi prejudicada com um ensino on-line que não atingia todos os alunos, criando uma situação de preocupação para os professores, pais e gestores. O que fazer para ajudar crianças que em 2019 estavam na educação infantil, e em 2020 ingressaram no primeiro ano do ensino fundamental e tiveram que estudar em casa?

Em 2022, essas crianças estão no terceiro ano do ensino fundamental, completando o período escolar correspondente a alfabetização, conforme previsto na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), porém, com uma lacuna de vivências e aprendizagens no espaço físico escolar, entre seus pares e professores, suas aprendizagens foram modificadas em função do período de ensino remoto emergencial. Nesse contexto de incertezas vamos olhar para um grupo de crianças que estão no 3º ano do ensino fundamental e que pertencem a rede municipal de ensino da cidade de Canoas.

Mais da metade destes estudantes acompanharam as atividades propostas pela escola no período de ensino remoto emergencial, pois tinham aulas semanais via Meet, assistiam a videoaulas para construção de jogos pedagógicos sobre alfabetização, receberam materiais de apoio, como livros didáticos, kit de jogos e materiais artísticos. As professoras acompanhavam suas produções através da plataforma Google Sala de Aula, na qual os estudantes recebiam roteiros semanais de atividades para serem realizadas no caderno, nos livros didáticos e nos espaços da casa. Embora essas ações tenham sido

realizadas, lacunas na aprendizagem foram observadas pelos professores no retorno às aulas no ano de 2022.

Em março de 2022, uma parceria entre a Universidade La Salle e a Secretaria Municipal de Educação de Canoas, ofertou aos professores das turmas de 3º ano do ensino fundamental da rede pública de Canoas, um curso de extensão “Quem conta um conto, aumenta um ponto? Recontextualizar as ciências por meio de histórias” que faz parte do projeto “Recontextualizar as Ciências e a Contação de Histórias para os Processos de Ensino e de Aprendizagem da Educação Básica a Formação de Professores a nível Internacional”, financiado pela Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do RS (Fapergs), para discutir ideias sobre como melhorar a alfabetização dessas crianças pertencentes ao município de Canoas e realizar um pré-teste para identificar as lacunas que precisam ser trabalhadas pedagogicamente.

A partir dos resultados obtidos no pré-teste do Projeto, temos o problema de pesquisa: como os estudantes do 3º ano do ensino fundamental desenvolvem o pensamento sobre a escrita e a leitura, a partir de um instrumento diagnóstico, no contexto de retorno da Covid-19 (2020-2021)?

Para embasar a alfabetização citamos Ferreiro e Teberosky (1999) que compreende o desenvolvimento das conceitualizações infantis sobre a língua escrita; Soares (2021) com os estudos sobre alfabetização e os usos sociais da escrita; Moraes (2019) e Adams (2006) para explicar sobre a consciência fonológica e para explicar a leitura utilizamos Kleiman (2004).

O presente artigo se designa como um estudo de caso, em que sua estrutura textual está organizada em 4 momentos: (1) abordamos o processo de alfabetização com seus pressupostos teóricos; (2) explicitamos a metodologia da pesquisa; (3) analisamos os gráficos com os resultados das correções do instrumento diagnóstico; (4) apresentamos as *considerações finais* refletindo sobre a alfabetização no contexto da Covid-19 (2020-2021).

2. METODOLOGIA

A escolha dos sujeitos foi através do curso de extensão: “Quem conta um conto, aumenta um ponto? Recontextualizar as ciências por meio de histórias” que fazem parte do projeto “Recontextualizar as Ciências e a Contação de Histórias para os Processos de Ensino e de Aprendizagem da Educação Básica a Formação de Professores a nível Internacional”. Uma proposta de formação para professores do 3º ano do ensino fundamental da rede municipal de Canoas.

Os sujeitos são de duas turmas do 3º ano, totalizando 42 crianças na faixa etária de 8 a 9 anos, de uma escola municipal de Canoas, sendo a professora participante do curso de extensão. A escola fica em um bairro predominantemente residencial, com transporte público, saneamento básico, pavimentação asfáltica, e as famílias possuem condições econômicas básicas de compra e preocupam-se com a aprendizagem dos estudantes.

O objetivo da pesquisa é identificar o desenvolvimento do pensamento em estudantes do 3º ano do ensino fundamental sobre a escrita e a leitura, a partir de um instrumento diagnóstico, no contexto de retorno da Covid-19 (2020-2021).

O método usado para a pesquisa foi o estudo de caso que, conforme Yin (2003), é uma investigação empírica, que analisa um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto atual, em que os limites entre o contexto e o fenômeno não podem ser claramente definidos. O estudo de caso elucida as relações causais em ações da vida real, fazendo uma descrição das intervenções em um contexto concreto que teve como objetivos específicos: analisar as hipóteses sobre a escrita dos alunos do 3º ano do ensino fundamental; identificar os processos realizados para leitura; diagnosticar o conhecimento acerca da leitura e escrita em estudantes do 3º ano do ensino fundamental através do pré-teste.

No início do curso de extensão, em maio de 2022, foi realizado com as turmas do 3º ano o pré-teste, um instrumento com a finalidade de diagnosticar o nível da escrita e leitura dos alunos através da hipótese de escrita de palavras e textos. Esta avaliação objetivou verificar a consciência fonológica;

examinar a quantificação de sílabas e letras; a leitura de imagens, palavras e um texto.

3. REFERENCIAL TEÓRICO: ALFABETIZAÇÃO EM FOCO

Nos últimos anos, pesquisas apontam que os índices de alfabetização estão baixos, preocupando os educadores de todo o país. Com a Covid-19 (2020-2021) esses números aumentaram, como mostra a nota técnica (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2021) em que os índices de 2019, eram 1,4 milhão de crianças entre 6 e 7 anos que não sabiam ler e escrever, foram para 2,4 milhões em 2021, ou seja, ocorreu um aumento de 66,3% entre 2019 e 2021. Esses números demonstram, como aponta (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2021) que a não alfabetização dos estudantes nos primeiros três anos do ensino fundamental, período previsto pela BNCC (2018), traz enormes perdas para suas aprendizagens futuras, o que também aumenta os riscos de um percurso escolar marcado por reprovações, abandono e/ou evasão escolar.

A partir deste contexto é importante pensar que a alfabetização é uma invenção cultural, que podemos definir como a habilidade de ler e escrever palavras, frases e textos. Conceito apresentado por Soares (2020) como um processo de conquista da “tecnologia da escrita”, isto é do conjunto de técnicas, procedimentos e habilidades necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, ou seja, o domínio do sistema de escrita.

O processo de conquista da tecnologia da escrita ocorre de forma individual para cada ser humano, pois existem contextos que vão influenciar na compreensão de como funciona o ler e o escrever. Quando uma criança não entra em contato com letras e livros antes de ingressar no espaço escolar, ou não observa os adultos envolvidos com essa tecnologia, terá seu primeiro contato na escola e o caminho será outro para a alfabetização, mas quando uma criança tem acesso a livros em casa e vê os familiares dando importância aos materiais

escritos, possuem mais facilidade em percorrer o caminho da linguagem escrita.

O contato com materiais escritos favorece o desenvolvimento da consciência fonológica, que segundo Soares (2020) é a capacidade de focalizar e segmentar a estrutura sonora que constitui uma palavra, pensando sobre as partes sonoras da fala, que se distinguem em sílabas, palavras, rimas, aliterações, fonemas. O desenvolvimento da consciência fonológica está relacionado à aprendizagem das letras, pois inicialmente a criança aprende que as letras estão associadas aos sons das palavras, depois compreende que essas palavras possuem sílabas, que são a combinação de letras formando os sons. A criança também vai compreendendo a existência de palavras que iniciam com a mesma sílaba e a isso chamamos de aliteração e que terminam com o mesmo som ou um parecido, que são as rimas.

A escrita das palavras, estudada pelas autoras (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999), permitiu observar que o pensamento da criança sobre a escrita possui um desenvolvimento, ou seja, um percurso de compreensão da linguagem que denominaram Psicogênese da Língua Escrita. Foram observados níveis do processo de desenvolvimento, que ajudam os professores alfabetizadores a entender como a criança está pensando sobre a escrita e como ajudá-la a mudar sua compreensão.

Esses níveis, conforme Soares (2021), são denominados como: pré-silábico uso de letras sem correspondência com seus valores sonoros e sem correspondência com as propriedades sonoras da palavra (número de sílabas); silábico em que se faz o uso de uma letra para cada sílaba da palavra, inicialmente letras reunidas de forma aleatória e posteriormente usa letras com valor sonoro representando um dos fonemas das sílabas; silábico-alfabético passagem da hipótese silábica para a alfabética, que escreve as palavras utilizando uma letra para cada sílaba e uma sílaba completa, sendo possível a compreensão da palavra, pois escreve com valor sonoro; alfabético é o final da compreensão do sistema de escrita, em que escreve as palavras utilizando sílabas completas. Cada nível mostra os esquemas conceituais e o caminho percorrido, pelas crian-

ças, em direção a aquisição da leitura e escrita. O trabalho de Ferreiro e Teberosky (1999) acarretou expressivas mudanças na compreensão do processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita no Brasil, pois sua teoria parte de como a criança aprende e não como se ensina suscitando, assim, mudanças na concepção do sujeito aprendiz e de suas relações com a língua escrita, enquanto objeto de aprendizagem.

A leitura pode ser considerada como a ação de ler e interpretar o conteúdo do texto escrito, sendo um processo que requer habilidades de conhecimento prévio, como argumenta Kleiman (2004) o leitor aplica na leitura o que ele já sabe, o seu conhecimento conquistado ao longo de sua vida, vai precisar do conhecimento linguístico, o textual e o conhecimento de mundo, para ajudá-lo a compor o sentido do texto.

Na alfabetização, a leitura e a escrita são processos de aprendizagem que se articulam na interação entre os objetos escritos e o alfabetizando. Para Kleiman (1989) o processo de ler é complexo e conhecê-lo se faz necessário para trabalhar com leitura. A autora analisa a leitura através de uma perspectiva interacionista, na qual o foco do processo é a relação entre o sujeito e o objeto, pois os conhecimentos do leitor interagem a todo o momento com o texto para chegar à compreensão.

4. ANÁLISE DOS DADOS: UM RETRATO DA ALFABETIZAÇÃO

Os dados empíricos retratam os resultados, a partir de cada questão do instrumento diagnóstico, o pré-teste, realizado com a turma do 3º ano. A análise buscou interpretar as respostas quantificadas e pensar sobre o processo de desenvolvimento da leitura e escrita das duas turmas de 3º ano do ensino fundamental, somando 42 crianças, avaliando e refletindo sobre o pensamento dos alunos em cada unidade de análise.

A análise dos dados adotou um caráter de métodos mistos, pois incorporou um estudo descritivo percentual referente aos gráficos gerados a partir das respostas dos alunos no pré-teste, analisando os aspectos importantes do conjunto de características observadas em cada gráfico. As referências

apresentaram uma ideia da frequência de um determinado tipo de respostas e fazem uma descrição estatística das turmas com o propósito de refletir sobre o processo de desenvolvimento da leitura e escrita das turmas em estudo.

Nossa análise foi realizada com base nas seguintes unidades, conforme ilustrado pelo Quadro 1:

Quadro 1 - Unidades de análise

UNIDADES	CARACTERIZAÇÃO
Consciência fonológica	Capacidade de perceber e manipular os sons da palavra.
Hipótese de escrita	Representação de palavras ou ideias com letras.
Leitura	Interpretação dos sinais gráficos, ou seja, ação de ler as palavras com compreensão.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

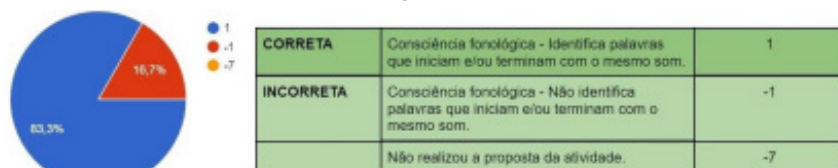
Após aplicados os pré-testes e as correções realizadas segundo os critérios estabelecidos pelas autoras, um instrumento de análise foi elaborado através do Google Forms, para organizar as respostas encontradas e, ao final, gerar gráficos de cada questão do instrumento diagnóstico. As respostas foram classificadas em corretas e incorretas, considerando os critérios de valoração das respostas dos estudantes de forma decrescente, sendo o valor mais alto para as respostas que são consideradas assertivas e diminuindo gradativamente até as incorretas.

A Figura 1 apresenta o gráfico sobre a quantificação das sílabas das palavras e os critérios utilizados para quantificar as respostas dos estudantes da questão 4 do pré-teste. Observamos que 100% das crianças conseguem quantificar o número de sílabas das palavras, ou seja, conforme Adams (2006) as sílabas equivalem às pulsações de som da voz, bem como aos ciclos de abrir e de fechar das mandíbulas. As crianças demonstraram ter a habilidade inicial da consciência fonológica de perceber as sílabas das palavras, competência fonológica que destacamos estar bem desenvolvida nestes estudantes.

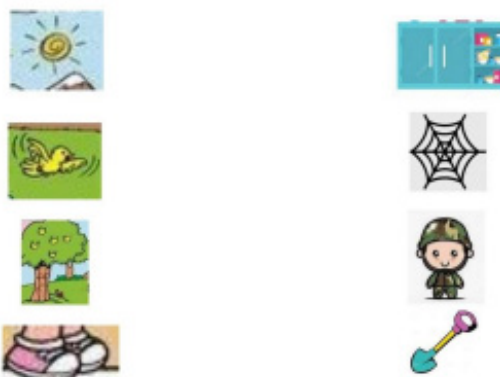
Figura 1 - Gráfico e critérios da questão sobre a quantificação de sílabas.

Fonte: Captura da tela do Google Forms pelas autoras.

A Figura 2 mostra o gráfico e os critérios sobre a consciência fonológica no final das palavras da questão 6. Destacamos que 83,3% das crianças identificaram o som final da palavra “borboleta” e apenas 16,7% não conseguiram identificar. Soares (2021) afirma que, para que a criança desenvolva sensibilidade para a cadeia sonora da fala e reconhecimento das possibilidades de sua segmentação, é importante que desenvolva a consciência fonológica.

Figura 2 - Gráfico e critérios sobre a questão da consciência fonológica no final da palavra.

6) RELACIONE AS FIGURAS INICIAM COM O MESMO SOM:



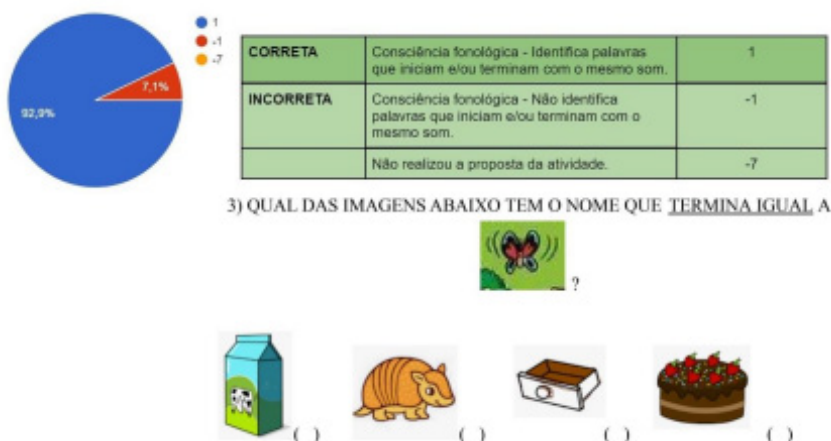
Fonte: Captura da tela do Google Forms pelas autoras.

A Figura 3 traz o gráfico e os critérios sobre a consciência fonológica no início da palavra. Verificamos que 92,9%

identificaram o som inicial das palavras, e 7,1% não identificaram, ou seja, a maioria dos estudantes conseguiu relacionar a primeira coluna de imagens com a segunda coluna. Os dados analisados nas Figuras 2 e 3, demonstram que a maioria das crianças têm a capacidade de perceber e manipular os sons das palavras.

Entendemos que esses estudantes conseguem dissociar o significado e o significante da palavra, que segundo Soares (2021) é um primeiro obstáculo a ser superado pela criança no processo de aprendizagem do sistema alfabético de escrita. Pois quando perguntamos a uma criança que não consegue fazer essa dissociação, por exemplo, porque a árvore se chama “árvore” *porque ela é verde e porque tem folhas*. É uma resposta que está embasada no que o objeto significa e não na sua representação fonológica.

Figura 3 - Gráfico e critérios sobre a questão da consciência fonológica no início da palavra.



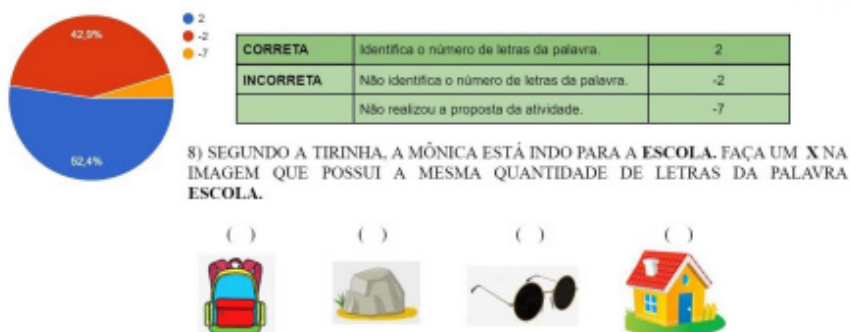
Fonte: Captura da tela do Google Forms pelas autoras.

A Figura 4 apresenta o gráfico e os critérios sobre a quantificação de letras das palavras. Analisamos que 54,4% identificaram o número de letras, 42,9% não identificaram, e 4,7% não realizaram a proposta da atividade. Essa questão em particular apresentou uma peculiaridade, pois poderia apre-

sentar duas respostas, conforme o processo de desenvolvimento da alfabetização.

Algumas crianças marcaram apenas a figura “mochila”, que possui sete letras, mas se a escrita for realizada de forma alfabética, seria assim “moxila” e teria as seis letras que correspondem à solução da questão, que é marcar a figura que possui o mesmo número de letras que “escola”. Consideramos como alternativas corretas, as respostas marcadas apenas na figura “óculos” e as respostas assinaladas em ambas as figuras “óculos” e “mochila”. Pois entendemos que a criança escreveu de forma alfabética as palavras, sem perceber a ortografia. Mesmo assim, o percentual de um pouco mais de 40%, não conseguiu realizar a quantificação das letras das palavras.

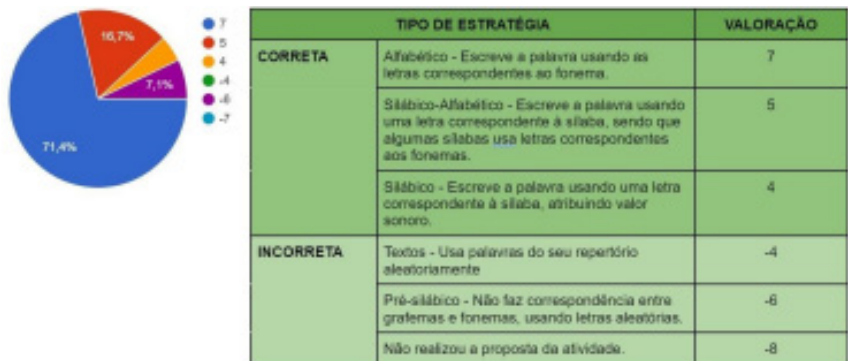
Figura 4 - Gráfico e critérios da questão sobre a quantificação de letras.



Fonte: Captura da tela do Google Forms pelas autoras.

Na figura 5 são analisadas as hipóteses de escrita de texto quando, para isso, pedimos às crianças que escrevessem o que acontece em cada quadrinho da história. Para essa atividade foram consideradas 6 estratégias de pensamento, realizadas pelos estudantes. Nas respostas, consideradas corretas, observa-se que os alunos avaliados como alfabéticos somam 71,4%, os alunos silábico-alfabéticos 16,7% e os silábicos 4,8%. Na segunda parte, são consideradas as respostas incorretas, na qual não houve alunos que usaram palavras do seu repertório de forma aleatória na produção escrita. E apenas 7,1% dos alunos foram considerados como pré-silábicos. Todos realizaram a proposta desta atividade.

Figura 5 - Gráfico e critérios da questão sobre a hipótese da escrita de texto.



1) OBSERVE A TIRINHA DA TURMA DA MÔNICA:



CONTE O QUE ACONTECE EM CADA QUADRINHO:

1
2
3
4

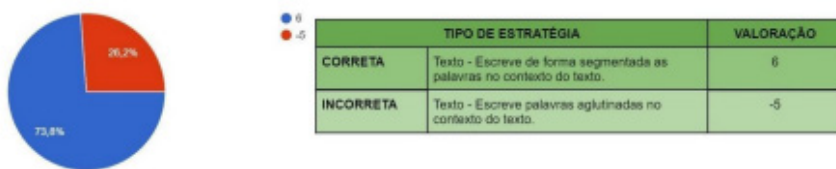
Fonte: Captura da tela do Google Forms pelas autoras.

A figura 6 mostra a análise de dois tipos de estratégia na produção escrita dos estudantes. O gráfico mostra que 73,8% dos estudantes escrevem de forma segmentada as palavras no contexto do texto, ou seja, entre as palavras há um espaço/pausa entre a movimentação da boca. E 26,2% escrevem de forma aglutinada no contexto do texto, as palavras são escritas sem espaço, uma grudada na outra.

Esse percentual de estudantes que aglutinam as palavras na escrita de texto, ainda não construíram a noção que há espaços entre as palavras, não observando que durante a fala fechamos completamente a boca, quando cada palavra é pronunciada. Para Ferreiro e Teberosky (1999) os espaços em

branco entre as palavras não correspondem às pausas reais na locução. Mas separam entre si elementos de caráter abstrato, que a própria escrita define a seu modo: as palavras. Com o tempo os estudantes percebem que existem esse espaço e começam a utilizá-lo.

Figura 6 - Gráfico e critérios da questão sobre a segmentação/aglutinação das palavras.



Fonte: Captura da tela do Google Forms pelas autoras.

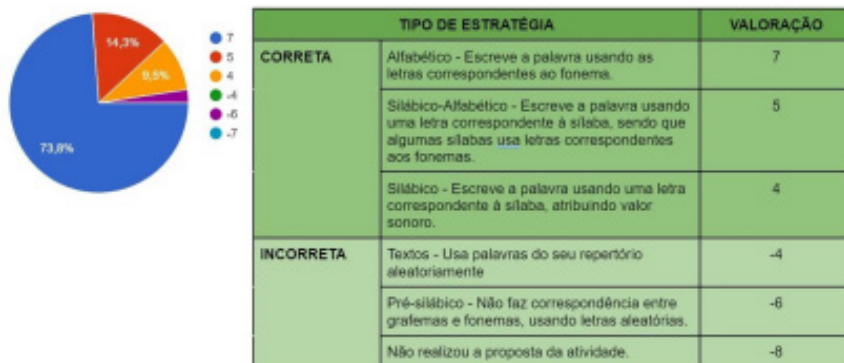
Na figura 7 é analisada a hipótese de escrita de palavras, na qual é solicitado que as crianças escolham quatro palavras da história em quadrinhos e as escrevam. Em alguns casos, a avaliação da hipótese se tornou complexa já que não havia sido direcionado quais palavras seriam escritas, então as avaliadoras precisaram verificar todo o contexto da história em quadrinhos e pensar sobre as possibilidades de hipóteses que haviam sido escritas.

No gráfico apresentado na figura 7 foram consideradas seis estratégias de pensamento que os estudantes seguiram para representar a escrita dos desenhos escolhidos. Nas consideradas corretas, 73,8% são os alfabéticos, na qual a criança escreve a palavra usando as letras correspondentes ao fonema, como no caso da escrita “minina”, 14,3% são os silábico-alfabéticos, na qual o estudante escreve a palavra usando uma letra correspondente à sílaba, sendo que em algumas sílabas usa letras correspondentes aos fonemas, como por exemplo “pxe” para escrever “peixe”, e 9,5% são os silábicos, em que a criança escreve a palavra usando uma letra correspondente à sílaba, atribuindo a ela valor sonoro, como na palavra “aoe” em que tenta escrever “árvore”.

Nas questões consideradas incorretas, não houve alunos que usaram palavras do seu repertório de forma aleató-

ria na produção escrita. Apenas 2,4% foram avaliados como pré-silábicos, na qual a criança não faz correspondência entre grafemas e fonemas, usando letras aleatórias. Todos os alunos realizaram a proposta desta atividade.

Figura 7 - Gráfico e critérios da questão sobre a hipótese da escrita de palavras.



5) ESCOLHA 4 DESENHOS DA TIRINHA 1 E ESCREVA SEUS RESPECTIVOS NOMES.

1 -
2 -
3 -
4 -

Fonte: Captura da tela do Google Forms pelas autoras.

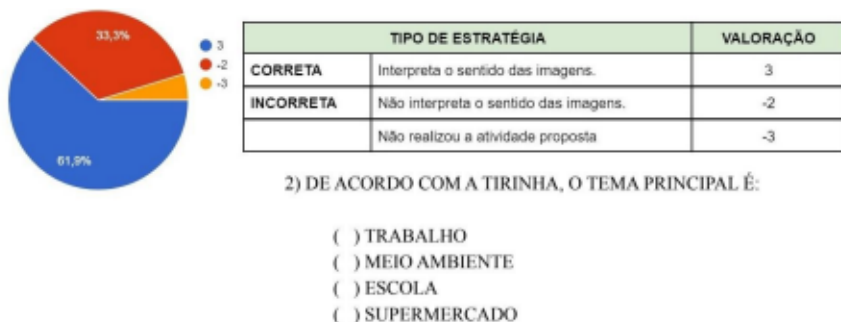
Ferreiro (2004) afirma que a escrita é importante na escola porque é importante fora da escola, e não o inverso. E para ser alfabetizado é preciso ter acesso à língua escrita. Para a autora, a aprendizagem da escrita acontece antes da escolarização e se insere num sistema de concepções, elaborada pela própria criança.

Ao verificarmos sobre a escrita pode-se perceber que não houve diferença de resultado nas duas opções de atividades, escrita de palavras e escrita de textos. Observa-se que uma porcentagem expressiva da turma, 73,8%, está no nível alfabético da escrita, o esperado para o 3º ano.

Nas figuras 8 e 9, foram analisadas as hipóteses de leitura de imagens referentes às questões 2 e 9 do pré-teste. A figura 8 sobre a identificação do tema da história em quadrinhos.

Nessa questão foram consideradas 3 tipos de estratégias. Na considerada correta, 61,9% dos estudantes conseguiram interpretar o sentido das imagens. Nas consideradas incorretas, 33,3% não interpretaram o sentido das imagens e 4,8% não realizaram a atividade proposta.

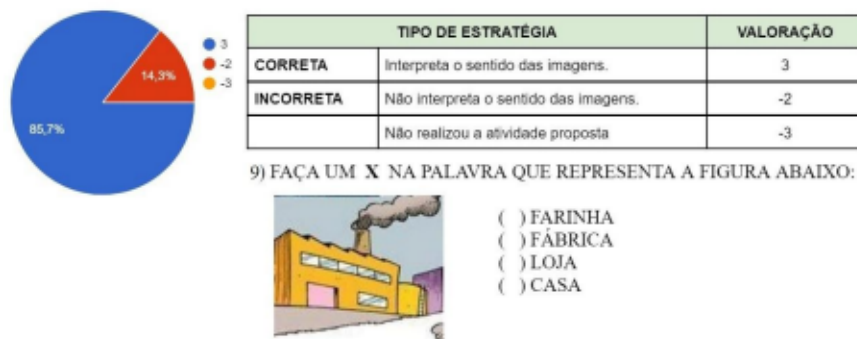
Figura 8 - Gráfico e critérios da questão sobre a leitura de imagem do texto.



Fonte: Captura da tela do Google Forms pelas autoras.

A figura 9, na qual havia a imagem de uma fábrica e os estudantes deveriam apenas relacioná-la à sua escrita. Também foram avaliadas três estratégias. Na considerada correta, 85,7% conseguiram interpretar o sentido da imagem. E nas incorretas, 14,3% não interpretou o sentido da imagem e todos conseguiram realizar a atividade proposta.

Figura 9 - Gráfico e critérios da questão sobre a leitura de imagem.



Fonte: Captura da tela do Google Forms pelas autoras.

Na figura 10 é verificada a leitura de uma história em quadrinhos da última atividade do pré-teste. Nessa questão

foram observadas cinco opções de estratégias dos estudantes. Nas consideradas corretas, 78,6% conseguiram ler de forma autônoma o texto apresentado, 4,7% das crianças contemplaram duas estratégias, as que conseguiram ler com dificuldade e as que leram apenas algumas palavras da tirinha. Na estratégia considerada incorreta, 16,7% não conseguiram ler.

Figura 10 - Gráfico e critérios da questão sobre leitura.



Fonte: Captura da tela do Google Forms pelas autoras.

Verificamos que nas Figuras 8, 9 e 10, em que são apresentados os resultados das questões, os estudantes tiveram um desempenho importante, tanto na leitura de imagens quanto do texto, ou seja, a maioria demonstrou conseguir ler as imagens e o texto. Durante a leitura de um texto conforme Kleiman (2004) precisamos de vários níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, conhecimento textual e o conhecimento de mundo, e esses níveis relacionam-se entre si, sendo a leitura considerada um processo interativo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do desenvolvimento do pensamento da leitura e escrita através de um único instrumento e em uma única etapa é complexo, pois a alfabetização é um processo. A sala de aula é um espaço de interação e compartilhamento, e no caso específico da alfabetização, a interação e a mediação são fundamentais para a construção do conhecimento.

A partir dos resultados revelados, pode-se inferir que apesar da redução de espaços de aprendizagem escolar durante a pandemia, o grupo estudado apresentou um desempenho elevado na avaliação diagnóstica. É importante salientar, que os estudantes, em sua grande maioria, participaram das atividades propostas de forma online, recebem apoio familiar e possuem condições adequadas para a aprendizagem. Resaltamos também que os seis meses de aula presencial em 2021, no retorno da pandemia Covid-19 (2020-2022), contribuíram para o desenvolvimento dos estudantes.

Para Ferreiro (1993), as crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido. O que podemos constatar nos conhecimentos construtivos do processo de alfabetização dos estudantes analisados nos pré-testes. A produção destes revelou que os conhecimentos prévios à pandemia e os conhecimentos construídos durante o ensino remoto foram incluídos no desenvolvimento da leitura e escrita do grupo.

Assim, pode se dizer que a qualidade das interações entre sujeito, objeto e professor, durante a pandemia, através das aulas online, permitiu 73% dos estudantes deste grupo, alcançarem níveis alfabéticos de leitura e escrita no tempo previsto na legislação educacional brasileira.

Apesar disso, também é preocupante que 27% dos estudantes iniciaram o 3º ano com nível pré-silábico de escrita e leitura. Evidenciando que a falta dos espaços de aprendizagem escolares afetou o desenvolvimento dos estudantes, pois na alfabetização é indispensável a interação específica e pedagógica.

A pandemia deixou muitas lacunas no contexto escolar, quanto às questões emocionais, de socialização e aprendizagem. Mas também foi momento de reinvenção e desafios num novo ambiente escolar, o online, que mesmo não atingindo todos os alunos, teve significado e aprendizagem para outros. Estivemos nesta pesquisa, diante de uma experiência de ensino remoto que propiciou a aprendizagem para o desenvolvimento de leitura e escrita.

6. REFERÊNCIAS

- ADAMS, M. J. **Consciência fonológica em crianças pequenas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BEHRING, Elaine Rossetti. As novas configurações do Estado e da Sociedade Civil no contexto da crise do capital. *In: Serviço Social: Direitos sociais e competências profissionais*. Brasília: CFESS, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 2004.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes, 1989.
- KLEIMAN, A. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- MORAIS, Artur Gomes. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2021.
- SOARES, M. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.
- TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Nota Técnica: Impactos da pandemia na alfabetização de crianças**. [S. l.]: Todos pela Educação, fev. 2021. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/02/digital-nota-tecnica-alfabetizacao-1.pdf>. Acesso em: 13 set. 2022.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Penso, 2003.